

ANTÔNIO CORRÊA DE LACERDA



Inserção externa e desenvolvimento

O maior desafio que se apresenta para a economia brasileira, decorridas duas décadas de desempenho sofrível em termos de crescimento, é retomar as condições para o desenvolvimento em bases mais robustas e sustentadas.

Isso pressupõe um novo padrão de inserção externa. Esta é a questão básica que analiso no meu mais recente livro “Globalização e Investimento Estrangeiro no Brasil” (Editora Saraiva). As transformações e limites de uma economia globalizada implicam em enormes desafios para aqueles países que, como o Brasil, pretendem ampliar as suas condições de desenvolvimento baseadas em uma inserção internacional ativa. Para a economia brasileira, a segunda metade dos anos noventa representou uma fase em que a atração de investimentos diretos estrangeiros se mostrava imprescindível para financiar os crescentes déficits nas contas correntes do Balanço de Pagamentos.

O novo desafio para a economia brasileira, após o ajuste externo verificado desde então, é manter-se atrativo para a absorção de poupança externa, mas associar esse processo aos objetivos de desenvolvimento.

Os investimentos externos podem representar uma importante fonte alternativa de financiamento do desenvolvimento, principalmente se estiverem associados à criação de novas vantagens competitivas, a projetos de exportações e de substituição de importações e a aumento da capacidade de produção.

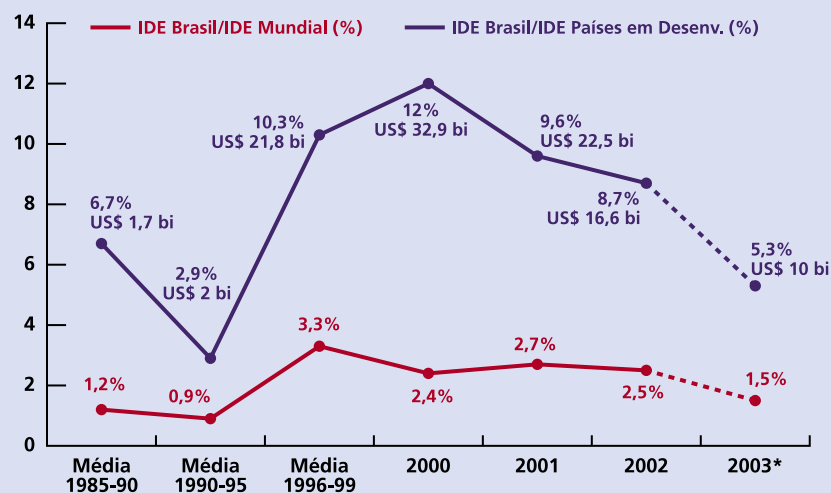
O Brasil, a despeito da boa posição no ranking dos principais países absorvedores de investimentos diretos estrangeiros, ainda não conseguiu estabelecer uma clara estratégia de associação entre o investimento externo e os demais objetivos de diminuição da vulnerabilidade externa, ampliação das exportações de desenvolvimento de novas competências. Este ano o Brasil está perdendo participação no fluxo global de investimentos diretos estrangeiros. As estimativas da SOBEET apontam para uma participação brasileira de cerca de 1,5% em 2003, bem abaixo dos 2,5%, média dos últimos anos (ver gráfico).

É preciso atrair investimentos especialmente voltados para a ampliação da capacidade produtiva, geração de valor agregado local e incremento das exportações. O próximo passo deve abranger um conjunto de medidas adicionais, envolvendo as áreas de financiamento, promoção comercial e demais atividades, além da definição e implementação de políticas industriais. Do ponto de vista da demanda internacional, é fundamental direcionar nossa pauta exportadora àqueles produtos e nichos mais dinâmicos no comércio externo.

O desenvolvimento da produção local, especialmente nos setores de tecnologia mais avançada, é algo que extrapola a ação isolada das empresas e precisa ser articulada com as iniciativas na área acadêmica de pesquisa aplicada.

Há vários exemplos de empresas transnacionais instaladas no Brasil e que definiram sua plataforma de exportações a partir da excelente base de produção, propiciada pela magnitude do mercado interno. O desafio é ampliar esta base para propiciar melhores condições de desenvolvimento para o País.

Fluxos de IDE para o Brasil e participação no total mundial e no total para países em desenvolvimento períodos selecionados (US\$ bilhões e %)



Fonte: WIR 2003 - World Investment Report - UNCTAD / Elaboração: SOBEET

Antonio Corrêa de Lacerda é economista-chefe da Siemens, professor-doutor da PUC-SP, Presidente da Sobeet e autor, entre outros livros, de “Economia Brasileira” (Editora Saraiva). E-mail: antonio.lacerda@siemens.com